

o Prelo

Ano XV - Nº 49 - Janeiro de 2018



“No **teatro em reconstrução,**
o povo em **cena**”



o Prelo

Revista de Cultura da Imprensa
Oficial do Estado do Rio de Janeiro

Luiz Fernando de Souza
GOVERNADOR

Francisco Dornelles
VICE-GOVERNADOR

Christino Aureo da Silva
SECRETÁRIO DE ESTADO CHEFE DA CASA CIVIL
E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO



Neumar Rodrigues da Mota
Diretor-Presidente

José Claudio Cardoso Ururahy
Diretor Administrativo

Nilton Nissin Rechtman
Diretor Financeiro

Luiz Carlos Manso Alves
Diretor Industrial

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Telefone: 2717-4141 PABX

www.imprensaoficial.rj.gov.br

Assessoria de comunicação

Assessora de comunicação:
Fabiana Paiva

Redatores:
Luiz Augusto Erthal e Osvaldo Maneschy

Estagiários:
*Camilla Alcântara
Daniel Almeida
Helen Lugarinho
Marcia Mathias
Matheus Correia
Matheus Sousa
Talita Jeolás*

Programação Visual:
Matheus Correia (estagiário)

Revisão:
*Assessoria de Comunicação Social
da Imprensa Oficial*

Capa:
Arte Final: Carlos Henrique Fernandes
Foto: Matheus Correia

Assessoria de Comunicação Social - ASCOP
Tels: (21) 2717-5617/ (21) 2717-4682
Endereço eletrônico:
assessoriadecomunicacao@imprensaoficial.rj.gov.br

SUMÁRIO



HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

4 HQs destacam cultura do país e celebram o dia nacional do gênero em 30 de janeiro

RIO CRIATIVO

6 Incubadora fortalece programas para o desenvolvimento do Estado do Rio através da Economia Criativa

DRIBLE NA CRISE

9 Histórias de sucesso de quem criou o próprio negócio para espantar o fantasma do desemprego



ONG TETO

13 Projeto constrói casas para famílias que vivem em condições precárias

MUSEU DE FOLCLORE

16 Local chega aos 50 anos representando a cultura popular brasileira



#OPRELOCURTIU

20 Confira as dicas da redação

COMPANHIA ENSAIO ABERTO

22 O teatro do povo para o povo

ARTIGO DE ARNALDO NISKIER

25 Aprendizagem e recomeço



CÁRITAS-RJ

26 Instituição ajuda a integrar refugiados

CASA FRANÇA-BRASIL

29 Espaço busca caminhos rumo ao multiculturalismo

1001 ESPETÁCULOS

29 Ônibus adaptado para teatro percorre municípios levando peças e oficinas gratuitas



DIA DO FOTÓGRAFO

32 Seção de ensaio fotográfico da revista faz uma homenagem a profissionais do ramo em comemoração pelo dia 8 de janeiro



A brasilidade





Conde Kombrácula: fanzine relaciona cotidiano com histórias famosas de ficção

e nos quadrinhos

Histórias em quadrinhos no Brasil percorrem décadas como grandes incentivadoras à leitura e destacam cultura do país em suas narrativas

MATHEUS SOUSA

Ilustrações, textos curtos e sequências de cenas são algumas características marcantes de um tradicional gênero literário: as histórias em quadrinhos (HQs). Um modo de leitura bastante conhecido por ser, muitas vezes, o responsável pelo primeiro contato das crianças com o universo da literatura. No Brasil, as HQs surgiram em meados do século XIX, mas apenas ganharam popularidade com o lançamento de clássicos, como “A Turma da Mônica”, “O Menino Maluquinho” e o “Tico-Tico”.

Anualmente, em 30 de janeiro, é comemorado o Dia Nacional das Histórias em Quadrinhos. Nesta data, no ano de 1869, foi publicada a primeira história brasileira no gênero: “As Aventuras de Nhô-Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte”, do cartunista Angelo Agostini. Dessa forma, em homenagem ao trabalho de Agostini, a Associação dos Quadrinistas e Cartunistas do Estado de São Paulo instituiu a data para celebrar o quadrinho nacional.

Além de Agostini, outros nomes tiveram participação fundamental na disseminação das

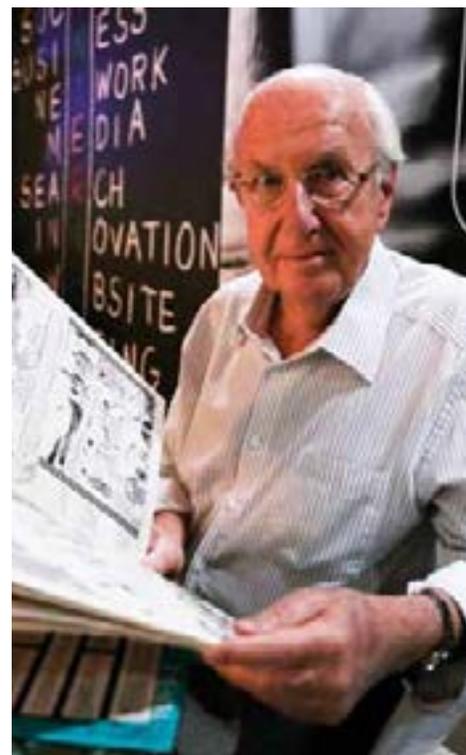
HQs no Brasil, como Renato de Castro; José Carlos de Brito; Luiz Sá; Oswaldo Storni; Carlos Arthur Thiré e Adolfo Aizen. Este último, inclusive, é considerado o “pai das histórias em quadrinhos do Brasil” pela importância que teve ao difundir o gênero através dos trabalhos editados pela Brasil-América Limitada (Ebal) – fundada por Aizen em 1945.

Adolfo Aizen foi responsável pelo lançamento de maior sucesso editorial da época: o Suplemento Juvenil, a primeira publicação brasileira dedicada a quadrinhos de heróis e com personagens famosos de jornais norte-americanos, como Mandrake, Flash Gordon e Tarzan. Contudo, o herói que proporcionou à Ebal a liderança nas vendas das revistas, nos anos 50, foi o Superman. A história do Homem de Aço era publicada na revista “O Herói”, a primeira impressa no país pela editora e que chegou a ter tiragens superiores a 150 mil exemplares.

“A Ebal fez um trabalho diferenciado. Éramos uma família a serviço dos quadrinhos e tínhamos pela empresa um verdadeiro



Dupla dos 'Quadrinhos Gonçalvesenses' exhibe produções totalmente autorais



Paulo Adolfo, filho do fundador da Ebal



Prêmio cedido pela ABRAHQ

amor. Valeu a pena todo o investimento na época”, comenta o ex-diretor da editora e filho do fundador, Paulo Adolfo Aizen.

Foi na década de 60 que grandes nomes do quadrinho nacional começaram a figurar entre os principais do gênero. Ziraldo lançou a revista “Pererê”, pela editora O Cruzeiro; Walmir Amaral com “O Vingador”, pela editora Outubro, e Maurício de Sousa ampliou seus personagens com a criação de Cebolinha, Cascão e Mônica – posteriormente dando vida à “Turma da Mônica”. Eles são referências até hoje quando o assunto é quadrinhos, entretanto, vários autores do mercado paralelo de HQs vêm chamando a atenção do público – como é o caso do grupo Quadrinhos Gonçalvesenses (QG).

Moradores de São Gonçalo, município da Região Metropolitana do Rio, os criativos Eberton Ferreira e Jorge Antonio formaram

o QG com o objetivo de ter contato com outros quadrinistas do estado e divulgar suas obras. Desenhista desde criança, Eberton relata que fazer quadrinhos é difícil e requer muita dedicação. “A gente acaba fazendo o trabalho que seria de uma equipe, porque nós pesquisamos, roteirizamos, desenvolvemos o layout, editamos a revista e pagamos do próprio bolso para imprimir tudo. É complicado viver da sua arte, mas o quadrinho é minha vida”, diz Eberton.

Nas revistas produzidas por ele, personagens do folclore brasileiro ganham importância e têm suas histórias contadas. “Saí daquele estereótipo de máscara e capa e trouxe brasilidade para os quadrinhos. Eu queria que as pessoas enxergassem que a nossa cultura também é muito rica, porém mal explorada”, explica. Em 2017, uma de suas histórias mais vendidas, a “Causos - A Bruxa na Floresta” – que fala sobre a origem da Cuca – teve seu roteiro premiado pela Academia Brasileira de Histórias em Quadrinhos (ABRAHQ).

A relação entre os elementos textuais e visuais torna as histórias em quadrinhos uma literatura mais atrativa e reforça os hábitos de leitura dos mais jovens. Para Jorge Antonio, que também é professor de Matemática, é uma enorme alegria quando ele vê crianças lendo suas revistas. “Eu fico muito feliz por ver que contribuo de alguma maneira com os meus quadrinhos no desenvolvimento da leitura de uma criança”, comemora.



Série 'Causos' traz um novo olhar sobre lendas do folclore nacional

SERVIÇO

QG Quadrinhos Gonçalvesenses
Facebook: facebook.com/quadrinhos-goncalenses
Telefone: (21) 96736-1309



PEQUENAS ideias,

Fotos: Divulgação

GRANDES

negócios

Rio Criativo une cultura, criatividade e habilidade para gerar empreendimentos de sucesso

DANIEL ALMEIDA

Já imaginou unir criatividade a algo que gosta de fazer e ganhar dinheiro com isso? Com esse pensamento, surgiu, em 2008, o Escritório de Apoio à Produção Cultural. A iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura do Rio de Janeiro (SEC-RJ) tinha por objetivo capacitar agentes culturais para democratizar a Lei de Incentivo à Cultura. A ação obteve tanto sucesso que, em 2010, foram criadas a Coordenadoria de Economia Criativa e a Incubadora Rio Criativo (IRC).

A Rio Criativo estimula o potencial de empreendimentos dos setores de criatividade, fazendo com que o Estado possa obter melhor aproveitamento econômico e social. A incubação funciona da seguinte maneira: a cada 18 meses, 16 negócios são escolhidos através de edital para um “crescimento assistido”. Durante o processo, as empresas, que também são chamados de startups, recebem uma série de estímulos como palestras, oficinas e consultorias. Elas são acompanhadas diariamente por especialistas em gestão de negócios e recebem um investimento inicial de R\$ 60 mil para ajudar no desenvolvimento através da contratação de consultores e serviços, além de receberem um espaço próprio para exercerem suas atividades.

Assim que uma nova turma é iniciada, os empreendimentos passam pelo estágio chamado de “diagnóstico”, onde especialistas verificam as demandas e necessidades de qualificação de cada um deles. “A partir daí começa o percurso formativo para sanar as carências que as empresas têm em gestão, planejamento, captação de recursos, contabilidade, marketing e outras áreas”, afirma Marcos André Carvalho, diretor geral da IRC.

A economia criativa é um dos setores que mais apresenta resultados e tem se tornado tendência ao redor do mundo.



Fotos: Divulgação

Acredita-se que, no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, esse tipo de atividade serve de alternativa para driblar a crise. O mapeamento da Indústria Criativa no Brasil, divulgado em dezembro de 2016 pela Firjan, aponta que o setor criativo gerou R\$155,6 bilhões para a economia do país somente em 2015.

De acordo com dados da IRC, o faturamento total das incubações, somente na primeira geração do programa, saltou de R\$ 1 milhão para R\$ 10 milhões em um ano e meio. São considerados aptos os seguintes segmentos: artes cênicas; música; artes visuais; literatura; mercado editorial; audiovisual; animação; jogos; publicidade; software aplicado à economia criativa; rádio; televisão; moda; arquitetura; design; gastronomia; patrimônio material e imaterial; artesanato; entretenimento; turismo cultural e eventos.

Segundo o estudo sobre a taxa de mortalidade de negócios no Brasil, divulgado pelo Sebrae e pela Fundação Getúlio Vargas no fim de 2016, um terço dos negócios no país fecham em cerca de dois anos. “Se antes oito a cada dez novos empreendimentos fechavam as portas, após passarem pela IRC esse número se inverte para um total de oito negócios sobreviventes e dois não”, completa Marcos André.

Dentre as startups que graduaram até o fim do primeiro ciclo de incubação estão o Estúdio Giz e a Junta Local. A Junta Local é uma rede de relacionamentos entre produtores de alimentos e consumidores e tem como missão repensar a cadeia de produção e distribuição de alimentos artesanais sem agrotóxicos. A empresa se alia aos produtores no objetivo de oferecer comida saudável e a preços justos para os clientes através de feiras e sacolas virtuais.

As feiras são realizadas em localidades variadas pelo Estado do Rio, como na Rua Capistrano de Abreu, em Botafogo, que hospeda o evento no primeiro domingo de cada mês. Contando com um projeto itinerante e locais fixos, a Junta Local passa todo mês pela Praça Santos Dumont e pela Christ Church Rio, em uma parceria com o projeto Chega Junto, buscando também endereços alternativos, que são firmados através de colaborações e divulgados em suas redes sociais.

Henrique Moraes, um dos criadores da Junta Local, afirma a importância dessa rede de contatos para a manutenção do projeto. “Como nosso objetivo sempre foi diminuir os custos, não fazia sentido pagar aluguéis que encareceriam e inviabilizariam nosso modelo. Sempre conseguimos que todos se beneficiassem com essas parcerias”.



Consultorias dadas pela IRC



Laboratórios onde as empresas criam



Espaço de atividades



Feira realizada na Christ Church Rio, em Botafogo, em parceria com o Projeto Chega Junto



Bastidores de documentário do Estúdio Giz



Cenas do documentário 'Paulistas'



Equipe do Curta-Metragem Tatame

O fundador fala de forma positiva sobre a experiência da incubação. “O tempo todo nos acompanhavam sugerindo novos caminhos para que pudéssemos tomar e, inclusive, indicaram profissionais parceiros para nos auxiliar. Criamos nosso CNPJ e, através dos recursos que vieram, investimos em consultorias e no desenvolvimento do site de vendas. Foi um período de grandes reflexões e a Rio Criativo foi essencial para nós”, conclui.

Já a Estúdio Giz é uma empresa do campo audiovisual, criada em 2014, que tem por objetivo produzir e comercializar conteúdo brasileiro original e inovador. Através do Fundo Setorial do Audiovisual (FSA), financia projetos desenvolvidos em parceria com criadores independentes para TV no LabGiz, núcleo criativo de desenvolvimento de projetos. Algumas das produções já foram exibidas

em premiações e festivais de cinema, como, por exemplo, o longa-metragem “O Auge do Humano”, dirigido por Eduardo Williams, em uma coprodução Ruda Cine, Un Puma e RT Features, ganhador do prêmio de melhor filme na mostra *Cineasti del Presente* do 69º Festival del Film Locarno, realizado na Suíça, em 2016.

Coordenador de comunicação da Estúdio Giz, Paulo Sans destaca as grandes oportunidades que o Rio Criativo trouxe: “Foi muito importante ter como base uma incubadora propícia para o surgimento de novas parcerias. Ganhamos suporte de alcance nacional e internacional, que propiciou participarmos de encontros de mercado em festivais no exterior, como o *The Business Street*, do Festival de Roma, e o *Docs for Sale* do Festival Internacional de Documentários de Amsterdã, na Holanda”.

SERVIÇO

Rio Criativo

E-mail: contatoriocriativo@gmail.com

Site: www.riocriativo.com

Endereço: Rua Frederico Silva, 86, Bloco B - 7º Andar - Centro, Rio de Janeiro / RJ

Junta Local

Site: www.juntalocal.com

E-mail: contato@juntalocal.com

Estudio Giz

Site: <http://www.estudiogiz.com.br>

Endereço: R. Frederico Silva, 86 - Bloco B - Sala 523 - Centro, Rio de Janeiro

E-mail: contato@estudiogiz.com.br



Antes de dar início à produção em larga escala, Joarez testa suas receitas em casa

Fluminenses encontram saídas para driblar a crise

Conheça histórias de sucesso de quem criou o próprio negócio depois de perder o emprego

HELEN LUGARINHO E MARCIA MATHIAS

É cercado pelas famosas “loiras geladas” que o analista de sistemas Joarez Lessa ganha a vida há mais de um ano. Há três, a técnica de química Juliane Monteiro se vê às voltas com quentinhas para garantir o sustento da família. Já o universitário Pedro Ribeiro encontrou na produção de brownies caseiros a fórmula para “fazer dinheiro”. Os três fluminenses são alguns exemplos entre os 23 milhões de pessoas que, segundo dados do IBGE divulgados em agosto de 2017, viram na informalidade a saída para driblar a crise e o desemprego.

Demitido de uma multinacional onde trabalhou por 12 anos, Joarez decidiu apostar no ramo das cervejas artesanais. Em busca de aprendizado, investiu em três cursos de fabricação, inventou receitas e não descansou enquanto não encontrou uma mistura que julgasse perfeita. Depois de atender a uma série de exigências e conseguir a licença do Ministério de Agricultura, Joarez passou a ser o primeiro cervejeiro artesanal com marca registrada na cidade de São Gonçalo.

“Na época em que eu trabalhava para uma empresa, o meu trabalho era *Home*

Antes de completar a maioridade, Pedro já iniciava sua carreira de empreendedor

Office, mas ainda assim o meu emprego me tomava muito tempo. Se eu ainda estivesse com aquele emprego, certamente não daria conta de fazer tudo que estou fazendo atualmente”, conta o empreendedor.

A demissão também levou Juliane a tomar rumos nunca imaginados. Se antes a técnica em química ficava embarcada em uma plataforma petrolífera por 15 dias seguidos, agora, ela acorda às 6h para preparar as quentinhas que vende na hora do almoço em construções na Zona Sul do Rio. “Em 2014, fui demitida de uma grande empresa e, com a crise, não consegui outro emprego na minha área profissional. Então, decidi investir no setor alimentício porque não dá para ficar sem fazer nada”, comenta a autônoma.

Para entrar no mercado das quentinhas, Juliane não só precisou fazer uma mudança no seu dia a dia, como também transformou o terraço de sua casa em uma mini cozinha industrial. “Eu reformei o último andar, comprei fogão industrial e panelas maiores para poder dar conta da demanda” conta ela, que conta com a ajuda da mãe e despista quando perguntada sobre os rendimentos do negócio.

Enquanto Joarez e Juliane conheceram o desemprego de perto, Pedro nem conseguiu entrar no mercado de trabalho. Em 2015, quando completou 18 anos, o então estudante de Engenharia de Produção começou a vender brownies para os colegas da faculdade. Inicialmente, investiu R\$ 45 na produção do doce. O negócio cresceu tanto que virou a marca “Zé Brownie”, presente em cinco cidades diferentes, com mais de 80 pontos de venda e faturamento mensal de R\$ 30 mil.

“Muita gente quer empreender

para ser o seu próprio chefe, ter mais dinheiro e trabalhar menos, mas é importante frisar que as coisas não são exatamente assim. Eu, por exemplo, demorei dois anos para tirar o meu primeiro salário, tive que fazer muito investimento antes de ter o lucro para mim”, enfatiza Pedro, que fez uma homenagem ao batizar o negócio. “‘Pedro Brownie’ não combina e eu decidi homenagear o meu avô, que se chamava José, e batizei os meus doces com o apelido carinhoso de ‘Zé Brownie’”.

O que começou informal para Joarez em



A Cervejaria Dois Lados lançou seu segundo produto no final de 2017



“Terão momentos difíceis, mas é preciso lutar e passar por cima das dificuldades”

pouco tempo foi se profissionalizando, tanto que o empreendedor já capacitou 40 alunos para produzirem suas próprias cervejas.

“Hoje, todas as pessoas que fizeram curso

comigo já estão produzindo suas bebidas. É importante não ter a visão de que estamos criando competidores e sim fomentando o movimento da cerveja artesanal. Com isso nós criamos uma associação chamada de Cervejeiros Caseiros Gonçalvesenses (CCG). Nos reunimos bimestralmente, cada um traz a sua cerveja feita em casa para saborearmos”, conta Lessa, orgulhoso da proporção que o evento vem tomando.

Já Pedro acabou mudando de área e trocou a Engenharia pela Administração.

A especialização tem dado certo e ele, que no início contava apenas com a ajuda do primo, precisou contratar funcionários para dar conta da crescente demanda. Hoje, conta com cinco empregados e dois representantes responsáveis por espalhar os brownies em vários pontos de venda.

“As vendas aumentaram e eu precisei de ajuda e me profissionalizar. Quando você cria o seu negócio, não pode desistir. Terão momentos difíceis, mas é necessário lutar e passar por cima de todos eles”, diz o jovem empreendedor.

Diferentemente de Pedro, Juliane não pretende expandir o negócio. O sucesso das quentinhas não enche os olhos da autônoma para abrir seu próprio restaurante. “Eu já pensei em abrir meu próprio negócio, mas os gastos não valeriam a pena. Prefiro manter tudo como está e poder continuar dedicando mais tempo à minha família, meus filhos e meu lazer”, diz a jovem, ressaltando uma das vantagens de trabalhar por conta própria.



Muito além das casinhas azuis

ONG TETO ergue casas e muda a realidade de famílias que vivem em comunidades carentes

HELEN LUGARINHO



As casas de madeira, que têm entre 15 m² e 18m², são resultado da parceria entre moradores e voluntários da TETO

É numa ruazinha do Parque das Missões, comunidade de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, que Ilma Maria da Silva, de 55 anos, mora desde 2014. Um ano depois, no terreno onde estava seu barraco foi erguida uma casinha azul de madeira, construída pela ONG TETO, organização criada no Chile em 1997. De beneficiada, a dona de casa que vive de trabalhos informais como empregada doméstica passou a voluntária junto com as equipes que transformam realidades de famílias carentes.

“Vim para cá por necessidade. Eu morava em Bangu, mas me separei do meu ex-marido e, depois, acabei perdendo o emprego. Então ficou complicado de manter o aluguel”, lembra Dona Ilma. “A mudança foi difícil, mas quando cheguei aqui, teve uma reunião da TETO com os moradores. Eu fui e fiquei fascinada pelo trabalho. Me candidatei como voluntária e até hoje trabalho cozinhando durante os mutirões de construção. Entrar para a organização me ajudou muito a superar as dificuldades na época”.

A ONG TETO está presente em 19 países da América Latina e Caribe, e atua no Brasil desde 2007, com atividades constantes em quatro estados (São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Paraná). O objetivo é diminuir a vulnerabilidade de famílias que moram em condições precárias. A TETO identifica casos de pobreza extrema e, num primeiro momento, constrói moradias emergenciais. Depois, por meio de engajamento sociopolítico,

ajuda a comunidade. “A nossa proposta é desenvolver o local através da integração entre moradores e jovens voluntários”, pontua Ellen Guimarães, diretora da TETO-RJ.

Formadas por painéis de madeira, as moradias custam R\$ 7 mil, que são arrecadados por doações e parcerias. Com durabilidade entre cinco e dez anos, elas possuem 15m² ou 18m² e não são divididas em cômodos. “A ideia não é que a família viva para sempre nesse espaço, mas sim que seja um pontapé para resolver outros problemas. Como a moradia deixa de ser prioridade

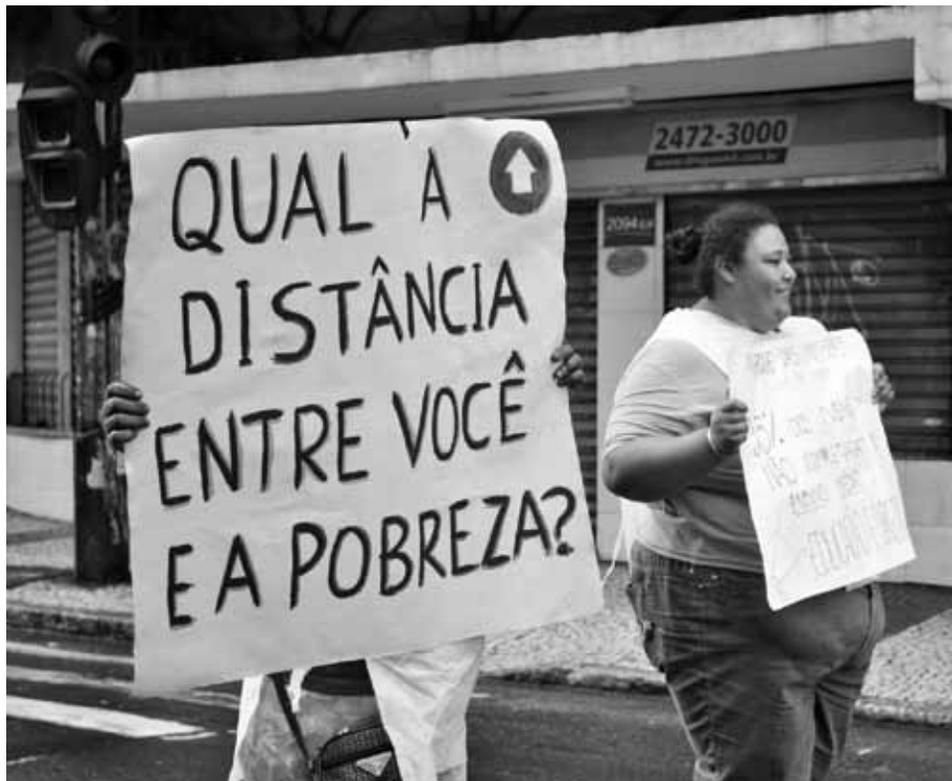
em um momento, as pessoas podem focar em outras coisas”, esclarece a diretora.

Para identificar casos de extrema penúria, como da Dona Ilma, os voluntários visitam comunidades com baixa infraestrutura e marcam uma reunião com os moradores para explicar o trabalho a ser desenvolvido ali. Depois, fazem o mapeamento do local e o evento “Escutando Comunidades”, conhecido como ECO, que detalha as necessidades a partir da aplicação de formulários socioeconômicos.

“Assim que começamos a organizar o mutirão de construções, analisamos o grau



Moradores e voluntários durante o mutirão de construções



Aline Queiroz, moradora da Vila Beira-Mar, durante evento de arrecadação de verba



Quadra da Vila Beira-Mar após a reforma



Voluntários fazem análise socioeconômica

de vulnerabilidade das famílias por meio das enquetes e apresentamos os resultados a toda comunidade. Os próprios moradores decidem quem tem mais urgência em receber a moradia”, explica Ellen. “As famílias selecionadas devem seguir uma série de regras, como entregar o terreno com a antiga casa desmontada, participar da obra, não usar droga ou bebida alcoólica, além de contribuir com R\$ 200”, completa a diretora.

Apesar de ser conhecida pelas casas de madeira, a entidade tem desenvolvido projetos sociais com a criação das Mesas de Trabalho – reuniões semanais onde voluntários e moradores propõem benefícios para as comunidades. Como resultado da iniciativa, é possível citar a construção de uma biblioteca em Jardim Gramacho, a reforma de uma quadra poliesportiva na Vila Beira-Mar e a criação de uma horta comunitária no Parque das Missões, bairros de Duque de Caxias.

Moradora da Vila Beira-Mar e coordenadora da Mesa de Trabalho na comunidade, Aline Queiroz lembra o quanto a obra da quadra era desejada. “As crianças não tinham onde brincar. Foi a realização de um sonho”, emociona-se. “O trabalho mudou a vida de todo mundo, mas participar ativamente da TETO faz total diferença na minha vida. Aprendi coisas que não conhecia e desenvolvi habilidades que nem sabia que tinha, como liderança”.

A voluntária Andressa Good faz parte da equipe do Canal do Anil, localizado na Zona Oeste do Rio e atua em mais duas áreas na organização – ela é coordenadora de logística e integra a equipe do comitê de incidência política. No projeto desde 2015, ela afirma que cada participação muda sua forma de ver o mundo. “Eu sempre fui privilegiada, vim de uma família estável, fiz faculdade, sempre tive todas as oportunidades possíveis e, quando entrei aqui, foi um tapa na cara. Quando a gente tira nossa capa de privilégio não tem como colocar de volta, fingir que nada acontece e seguir a vida”, comenta a voluntária, emocionada.

Dona Ilma acrescenta que a mudança de Andressa é mais um benefício proporcionado pela TETO: a possibilidade dos voluntários conhecerem uma realidade diferente. “É muito bom porque essas pessoas começam a ver a comunidade com outros olhos, não é só pobreza. É gente honesta, que trabalha e quer crescer na vida”.

SERVIÇO

ONG TETO

Endereço: Rua Teresa Guimarães, 25
– Botafogo / Rio de Janeiro
Telefone: 21 3546-9617
Email: info.rj@teto.org.br
Site: www.techo.org/paises/brasil/

A cultura popular brasileira em um só lugar

Museu de Folclore, na Zona Sul do Rio, chega aos 50 anos como um centro representativo das expressões artísticas de todo o país

MATHEUS SOUSA

As paredes e cada canto do Museu de Folclore Edison Carneiro trazem um pouco das tradições e manifestações populares brasileiras. Lendas, mitos, provérbios, danças e costumes que são passados de geração em geração são eternizados no espaço que, em 2018, completa 50 anos na missão de manter a tradição folclórica do país sempre viva.

Localizado no bairro do Catete, Zona Sul do Rio de Janeiro, o museu é parte integrante do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), uma

instituição pública federal fundada em 1958 a partir do movimento de intelectuais e folcloristas que buscavam defender o folclore brasileiro. “Devido ao processo de modernização e industrialização, alguns intelectuais emergiram como importantes figuras que desejavam preservar o que eles entendiam como o cerne da brasilidade: as expressões populares”, relata a antropóloga e pesquisadora do CNFCP, Guacira Waldeck.

O Museu de Folclore tem um acervo representativo da cultura popular brasileira, com quase 17 mil objetos de vários autores,

técnicas e procedências. Todo material fica disponível para consulta por meio de agendamento. Além disso, o espaço promove ações que levam o visitante a conhecer as expressões do fazer popular e seus contextos, através da pesquisa e da documentação. “Não existem ações no sentido de imobilizar alguma coisa para que ela permaneça tal como a gente a encontrou, até porque é difícil preservar uma cultura dinâmica. Então, a ideia é permitir a reflexão, o estudo e políticas que colaborarem para a continuidade dessas expressões”, esclarece Guacira.

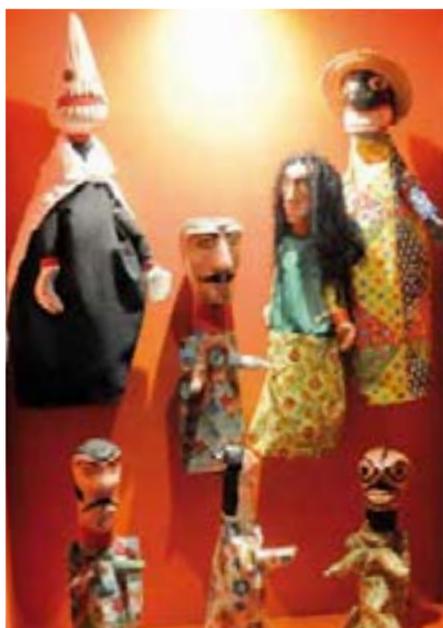


Mural pintado por Airá OCrespo, Carlos Acme e Marcelo Ment é exposição permanente no museu

Itens de barro e de cerâmica; esculturas em madeira; pinturas; painel com provérbios; bonecos do mamulengo; grafites da cidade e poesias características do cordel e poesias características do cordel. Tudo isso pode ser visto em exposição, que traz as narrativas dos objetos e dialoga com o público de tal maneira que mostra as diferentes vozes dos muitos segmentos sociais que valorizam o folclore e a cultura nacional. “O museu contribui para as pessoas se reconhecerem, verem suas histórias, importâncias e identidades culturais. As coleções e a temática são bem próximas da gente fazendo com que as pessoas se vejam naqueles objetos”, comenta a coordenadora do museu, Elizabeth Pougy.

– um programa de exposições temporárias do CNFCP. Desde 1983, o projeto tem como missão constituir-se como espaço para a difusão da arte popular e traz ao público trabalhos que são testemunhos do viver e do fazer das camadas populares. Nesta sala, os artistas expõem suas produções e estipulam livremente o preço de cada obra. São realizadas entre oito e dez exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de até 40 dias de duração.

Além da Sala do Artista Popular, outro programa interessante existente no CNFCP é o Concurso Sílvio Romero, que tem como objetivo reconhecer trabalhos significativos no campo de estudo das culturas populares. Instituído em 1959, a premiação de monografias foi idealizada para estimular



Mamulengo: fantoches típicos do Nordeste brasileiro



Literatura de cordel é manifestação marcante da cultura popular do país



Museu de Folclore tem acervo com quase 17 mil objetos; local tem entrada franca



Objeto feito por artista pernambucana representa nave espacial Apollo

a produção de conhecimento científico da temática do folclore.

O CNFCP compreende, além do Museu de Folclore Edison Carneiro e a Sala do Artista Popular, a Galeria Mestre Vitalino – em obras – e a Biblioteca Amadeu Amaral, especializada em folclore, que reúne cerca de 300 mil documentos, entre livros, revistas, folhetos de cordel, recortes de jornais, fotografias, vídeos, filmes e registros sonoros. O local funciona de terça a sexta-feira, das 11h às 18h, e sábados, domingos e feriados, das 15h às 18h. A entrada é gratuita.

SERVIÇO

Museu de Folclore Edison Carneiro/
Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

Endereço: Rua do Catete, 179, Catete - Rio de Janeiro

Telefones: (21) 3826-4327 e 3826-4324



O Prelo curtiu

Fotos: Divulgação



Os arteiros

Idealizado pelo diretor Fernando Barcellos, pelo cineasta Rodrigo Felha e pelo ator Ricardo Fernandes, Os Arteiros é um grupo de teatro infantil formado por jovens de 9 a 18 anos, todos moradores da Cidade de Deus, Zona Oeste do Rio. Além de atuarem nos espetáculos, eles ajudam na composição da dramaturgia, fazem a divulgação, maquiagem os colegas e iluminam o palco. E ainda tem mais: os alunos recebem aulas de francês, yoga e até pré-vestibular.

SERVIÇO

Endereço: Rua da Luz, 112 – Cidade de Deus, Rio de Janeiro

E-mail: osarteirosgrupo@gmail.com

Facebook: [facebook.com/osarteiros](https://www.facebook.com/osarteiros)

Projeto Vidançar

O projeto Vidançar abre, na segunda semana de janeiro, inscrições para aulas de *ballet* e *hip hop* no Complexo do Alemão. As aulas são gratuitas. Os pré-requisitos são ter entre 5 a 18 anos para o *ballet* e 6 a 23 anos para o *hip hop*. Além disso, o aluno deve ter assiduidade escolar e presença de responsáveis em reuniões bimestrais. Para a matrícula é necessário levar cópias de identidade e CPF do responsável, certidão de nascimento do aluno, comprovante de residência, cópia da carteira de vacinação em dia, declaração escolar e atestado médico.

SERVIÇO

Site: <http://projetovidancar.com.br>

Telefone: (21) 98739-4551

E-mail: projetovidancar@gmail.com

Endereço: Estrada do Itararé, 690.



Laboratório Kumã

O projeto consiste em um laboratório de pesquisa e experimentação em imagem e som, desenvolvido pela Universidade Federal Fluminense. Coordenado pelo professor, pesquisador e ensaísta concentrado no cinema e audiovisual Cezar Migliorin, o foco central do projeto é na formação continuada de professores, buscando compartilhar saberes e práticas que unam o cinema à educação. Atualmente, o trabalho conta com pelo menos 16 integrantes, entre docentes, pós-graduandos, alunos bolsistas e ex-alunos. Ao todo, mais de quatro mil alunos de escolas públicas já participaram das propostas do grupo e a vertente principal do laboratório é o Projeto Inventar com a Diferença.

SERVIÇO

Endereço: Rua Professor Lara Vilela, 126 – São Domingos, Niterói, RJ

Telefone: (21) 2629-9761

Envie suas dicas
para ascop@ioerj.com.br

Grupo Gargalhão

Com os rostos pintados e nariz de palhaço, voluntários do grupo Gargalhão se reúnem há dois anos no Hospital Getúlio Vargas com o objetivo de levar alegria e muitas risadas a crianças internadas. Além de realizar visitas aos domingos na unidade, eles organizam mutirões para visitar creches e orfanatos, levando brinquedos e mantimentos. O projeto encontra-se aberto a qualquer pessoa que queira fazer parte, assim como aceita convites para visitar instituições.

SERVIÇO

E-mail: osgargalhacos@gmail.com /
michellesantanamaia@gmail.com /
barboza.victor@gmail.com



Basquete na Cruzada

Localizada na comunidade Cruzada São Sebastião, no Leblon, a escolinha de basquete nasceu, em 1998, com o propósito de promover o esporte como ferramenta de agregação social através de ações esportivas, culturais e educativas para crianças e adolescentes da região. Ao longo do tempo, a escolinha, formada por voluntários, cresceu e modalidades como judô e muay thai foram incluídas no projeto e são oferecidas para cerca de 150 jovens.

SERVIÇO

Endereço: Av. Borges de Medeiros, 699, Bloco 6, 708 – Leblon, Rio de Janeiro
Facebook: facebook.com/basquetecruzada
Telefone: (21) 2239-7485

Esporte e
educação



Maracatu Palmeira Imperial

Criado em 2007 por batuqueiros que vivem em Paraty, o Maracatu Palmeira Imperial é o único do gênero musical pernambucano na cidade. Seu nome é uma homenagem à árvore que deu origem aos primeiros tambores percutidos pelo grupo. Grupo sem fins lucrativos, estuda e divulga o Maracatu de Baque Virado, manifestação popular criada pelos escravos pernambucanos há mais de 200 anos.

SERVIÇO

Oficinas e ensaios às terças-feiras, 18h, em Areal do Pontal, Paraty – RJ
Site: <http://palmeiraimperial.maracatu.org.br/>
E-mail: palmeiraimperial@gmail.com

A ONG Casas da Noruega atua na Ilha do Governador desde 2009 com o propósito de fomentar a educação e o esporte entre crianças e adolescentes, moradores de comunidades. São oferecidas aulas de futebol, reforço escolar, música e inglês para alunos de 5 a 18 anos, regularmente matriculados na rede pública ou particular de ensino. As inscrições para participar do projeto vão de 22 de janeiro a 9 de fevereiro e, caso as vagas não tenham sido preenchidas, haverá uma segunda chamada entre os dias 19 e 28 de fevereiro. No dia da matrícula, é necessário levar declaração escolar, cópia do RG ou certidão de nascimento do aluno e do responsável, comprovante de residência e duas fotos 3/4.

SERVIÇO

Endereço: Rua Juan Pablo Duarte, 2.000 – Bancários, Ilha do Governador, Rio de Janeiro
Telefone: (21) 97914-6811
Facebook.com/[deolhonolixorocinha/](https://facebook.com/deolhonolixorocinha/)

O teatro em
RECONSTRUÇÃO
O POVO
EM CENA





ARMAZÉM
DAUTOPIA

*Companhia teatral
aborda, a preços
populares, temas
políticos e cotidianos
para gerar reflexão
através de suas
montagens*

MATHEUS CORREIA

Terceiro sinal. Iluminação, ok. Cenário, ok. Atores preparados para entrar em cena? Sim. Começa mais um espetáculo. De quê, de quem e para quem? Foi de olho nestas perguntas que a Companhia Ensaio Aberto surgiu, nos anos 90, através da união de profissionais de diversos ofícios teatrais, servindo de resposta ao panorama das artes dramáticas do Brasil e à necessidade de um teatro mais acessível e cidadão.

Fundada em 1992 por Luiz Fernando Lobo e Tuca Moraes, a Ensaio Aberto teve como ponto de partida o projeto de um teatro assumidamente crítico e politizado, um espaço para debate e construção de novas ideias, com a dinâmica mundial em foco. Na prática, a retomada do teatro em sua essência – manifestação de insatisfações e anseios dos seres humanos. Para tal, a dupla estabeleceu dois parâmetros como pilares do projeto: a representação de um recorte da realidade para gerar reflexões; e estimular espectadores à participação ativa em questões relacionadas à cidadania.

O primeiro contato da Ensaio com o público foi a peça “O Cemitério dos Vivos”, baseada na biografia do escritor Lima Barreto e no diário que ele escreveu quando esteve internado em um hospital psiquiátrico. A estreia acumulou muitas boas críticas, como a do diretor Aderbal Freire Filho, que definiu o trabalho: “Indo aos limites da beleza teatral. O Cemitério dos Vivos está indo ao limite da consciência que mantém o homem vivo”.

Em paralelo, a Ensaio Aberto promoveu

o ciclo de debates “A República dos Excluídos” na Biblioteca Nacional e no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, que contou com nomes de peso do pensamento brasileiro contemporâneo no grupo. Essa complementação ao espetáculo se mostrou tão essencial quanto a peça, alcançando sucesso imediato e ótima recepção tanto da crítica quanto do público – mostrando o acerto na escolha do caminho a ser trilhado.

No ano seguinte, mais amadurecida, a companhia encontrou no Teatro da Aliança Francesa de Botafogo a sua primeira casa. Assim, Lobo e Tuca Moraes continuaram montando textos questionadores da lógica de mercado voltada para o “teatro rentável”. Neste período, montaram e apresentaram as peças Pierrô Saiu à Francesa (1993), Bósnia Bósnia (1995) e Mansão Youkali (1995) – rendendo indicações ao Prêmio Shell nos quesitos direção e figurino.

Entre 1998 e 2000, o grupo trocou a casa de Botafogo por novo espaço fixo no coração do Rio: o Teatro Glauce Rocha, onde, mesmo sem apoio governamental, pode abrir seus espetáculos ao público carente – historicamente afastado de espetáculos teatrais – ao incluir na programação oficinas teatrais gratuitas. A partir daí, universidades e escolas públicas passaram a endossar as atividades desenvolvidas pelo grupo, vendo no modelo de trabalho da equipe uma forma de fomentar o desenvolvimento de indivíduos questionadores da realidade.

Em 2002, ao completar 10 anos, a companhia montou a peça “Missa dos Quilombos”, marco na trajetória do grupo que recebeu indicação ao Prêmio Shell, na categoria especial, pelos seus “10 anos dedicados ao teatro social”. Já Luiz Fernando Lobo ganhou o prêmio Golfinho de Ouro, dado pelo Conselho Estadual de Cultura, pelo seu empenho e trabalho na obra coletiva da Ensaio Aberto. A montagem tornou-se um novo padrão na história da companhia que, a partir da estreia, estendeu sua área de atuação em outras cidades, sempre com a preocupação de levar teatro à parcela da população mais humilde e sem acesso a bens culturais – dentro da proposta de democratizar a cultura.

NÃO À ELITIZAÇÃO

Fiéis à proposta de que produtores culturais têm responsabilidade de reverter a tendência de elitização da arte, Lobo e Tuca criaram um setor na companhia voltado exclusivamente para a popularização dos espetáculos, o CNP (Ciência de Um Novo Público). A iniciativa busca não só viabilizar a oferta de ingressos gratuitos ou a preços populares (até R\$ 5), como também adaptar as peças através de um trabalho pedagógico, considerando renda, idade e localidade.

“A ideia de um departamento para pensar a questão do público existe desde o início, definindo nas peças a parcela da sociedade que o espetáculo busca dialogar. Como atingimos todo o Estado do Rio, temos que estudar a forma de viabilizar o debate e de como podemos fomentar iniciativas,

através do poder público, para solucionar problemas”, explica Luiz Fernando Lobo.

Através dessa iniciativa, já foram realizadas montagens voltadas para crianças em conflito com a lei, prostitutas e detentos em regime semiaberto. Esta última rendeu, segundo os fundadores, uma das passagens mais bonitas vivenciadas pelo coletivo, vinda da mãe de um preso. Após a apresentação da peça *Morte e Vida Severina* no Armazém da Utopia, na Região Portuária do Rio, ela fez questão de procurar o elenco para agradecer pela oportunidade e dizer que precisou seu filho ser preso para ela ver uma peça de teatro.

Com mais de 20 anos de caminhada, a *Ensaio Aberto* traz em seu currículo adaptações de obras do teatro mundial escritas, entre outros, por Bertold Brecht (autor de *Terror e Miséria no Terceiro Reich*, *Mãe Coragem e Seus Filhos*,

entre outros); Martins Pena e João Cabral de Melo Neto, estes consagrados autores brasileiros.

Entre as releituras nacionais, destacam-se as montagens das peças *Companheiros e Morte e Vida Severina* – a segunda, um clássico de 1955 que descreve a dura trajetória de um retirante nordestino em busca de uma vida melhor – crítica feroz às condições desumanas impostas ao sertanejo. As duas peças foram encenadas em Lisboa em 2000, marcando a estreia internacional da companhia que – posteriormente – voltou outras vezes a Portugal e também se apresentou em Londres, em 2007, com o espetáculo *Terminal Station*.

Questionado sobre os rumos da companhia, Luiz Fernando Lobo garante que vai continuar trabalhando para ampliar o projeto.

“Há pouco conquistamos o Armazém da Utopia, passo ousado que precisávamos dar. A



Olga, um *Breve Futuro* foi montado em 2006



O espetáculo *Sacco e Vanzetti* conta a história dos dois italianos condenados injustamente à morte nos Estados Unidos



Acima, atores em cena em *Havana Café*, espetáculo montado em 2004

próxima meta é tornar o espaço acessível para espectadores e contribuintes, possibilitando ainda a visita de grupos do Brasil e do exterior. Para isto precisamos de apoio oficial. O 'Armazém' tem condição de atender a duas companhias residentes simultaneamente, quatro por ano. Mas temos ainda que melhorar questões técnicas e estruturais para que isto seja possível”, finalizou o diretor.

SERVIÇO

Endereço: Avenida Rodrigues Alves, Armazém 6, Cais do Porto, Rio de Janeiro - RJ

Telefone: (21) 2516-4893 / 2516-4857

E-mail: ensaioaberto.público@gmail.com / contato@armazemdautopia.com.br

Facebook: <http://www.facebook.com/companhiaensaioaberto>

Instituto Ensaio Aberto



Para consolidar a função social da Companhia Ensaio Aberto, foi criado em 2008 o Instituto Ensaio Aberto (IEA) para - via estudos, conferências, seminários, cursos, consultorias e oficinas - permitir que o grupo expanda seu trabalho em parceria com entidades nacionais e estrangeiras, públicas e privadas, além de prover capacitação e formação de profissionais com conhecimento para entender o mercado de trabalho e as necessidades comunitárias.

Em 2011, o IEA se tornou uma Organização da Sociedade Civil de In-

teresse Público (OSCIP) e, em 2012, uma OS - tipo de associação privada sem fins lucrativos que pode receber subvenção do Estado, tornando mais claro seu comprometimento com questões ligadas ao bem estar de todas as camadas da sociedade.

“Nosso trabalho só é válido através do debate crítico da realidade pelo viés da cultura, da educação, do desenvolvimento econômico, do combate à pobreza e da promoção da igualdade racial, da democracia e dos valores universais” - garante Tuca Moraes.

Armazém da Utopia

Foto: Matheus Correia



Ladrilhos e releituras de Debret fizeram parte do projeto de revitalização do Armazém, na Zona Portuária do Rio

Casa da Ensaio Aberto desde 2010, o antigo Armazém 6, carinhosamente apelidado de “Armazém da Utopia” é um galpão centenário de cinco mil metros quadrados que já sediou múltiplos eventos culturais como o Festival do Rio, o Rio H2K e o Tudo é Jazz no Porto, além de produções na área da música, da dança e das artes visuais.

O espaço já recebeu mais de 300 mil

visitantes desde que passou a ser gerido, em 2010, pelo Instituto Ensaio Aberto. A arquitetura singular, marcada pela estrutura original em aço e pelas paredes de tijolo aparente, preserva a memória do seu passado portuário.

Em 2017, o armazém ganhou uma nova roupagem através de murais de grafite confeccionados por sete artistas convidados, que fizeram releituras de obras

do artista francês Jean-Baptiste Debret. Além destes, foram colocados murais compostos por ladrilhos pintados a mão por alunos e professores de seis instituições da rede municipal de ensino do Rio. As peças são fruto de um trabalho que a ‘Associação Inscirre Brasil’ realiza há 4 anos para estimular estudantes a se expressarem sobre o que aprendem sobre os direitos humanos nas escolas.

Quando o MEC realizou, ano passado, o exame de proficiência do Sistema de Avaliação da Educação Básica, concluiu que há um quadro generalizado de carências nas disciplinas ligadas à Leitura, Escrita e Matemática, a exigir providências imediatas de correção de rumos. Estamos longe dos níveis 3 e 4 (adequado e desejável) em Leitura. Em Escrita, os alunos que se encontram nesse nível não escrevem adequadamente as palavras. Em relação à produção de textos, os estudantes provavelmente não escrevem o texto ou produzem textos ilegíveis. No ano passado, 34% dos estudantes brasileiros apresentaram proficiência insuficiente na Escrita. A maioria dos estudantes é do Norte/Nordeste.

Com relação à Matemática, onde temos ido muito mal nos exames internacionais, não conseguimos reconhecer nomenclatura de figura geométrica plana, nem o valor monetário de cédulas. Andamos mal no Norte, Nordeste e Centro-Oeste, o que pede providências elementares dos educadores, associados às autoridades do Inep, responsável pelos testes do SAEB.

É claro que as providências devem ser tomadas desde a origem da educação

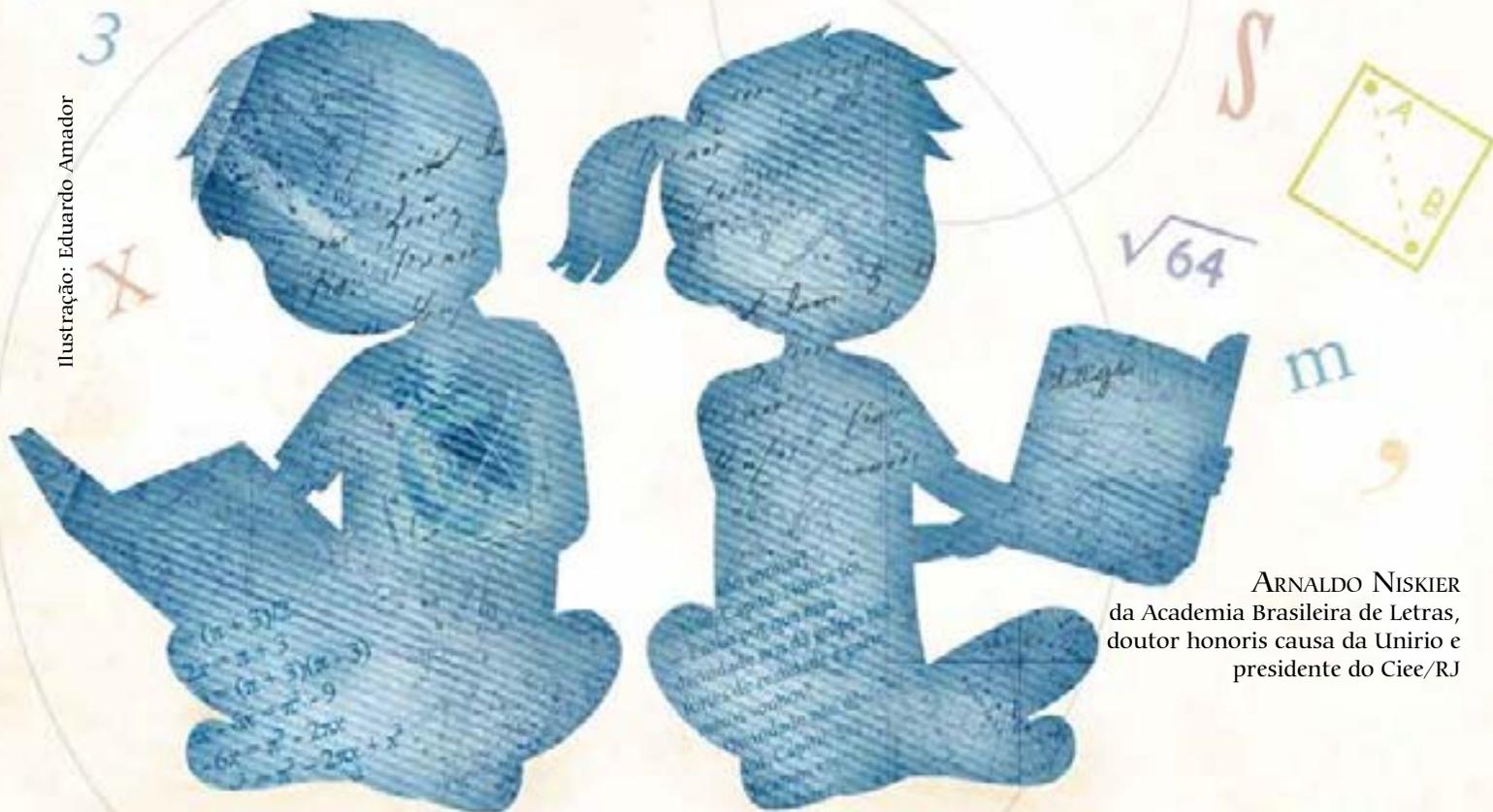
básica. Daí a importância que se deve dar ao fenômeno da Aprendizagem, um dos elementos nucleares do que chamamos de Educação de Jovens e Adultos (EJA), que era o antigo ensino supletivo. Compunham esse quadro de elementos nucleares a Qualificação, a Suplência e o Suprimento, este último também conhecido como Educação Contínua ou Permanente. Não se pode e nem se deve descuidar de todos esses elementos, na educação brasileira. Ao contrário, estamos sendo chamados a cuidar com prioridade do aperfeiçoamento da nossa educação. Nisso, o Centro de Integração Empresa-Escola, como fazemos no Rio de Janeiro, se empenha arduamente, mobilizando seus professores e os quase 40 mil estagiários e aprendizes com que conta em seus cursos.

Não se deve aprender Matemática sempre da mesma forma e no mesmo ritmo. Desde que o psicólogo B.F. Skinner, formado na Universidade de Harvard, inventou a primeira "máquina de ensinar", nos idos de 1953, educadores devidamente antenados orientaram seus alunos a aprender cada qual em seu ritmo. Assim, o processo se caracteriza por tempos de euforia e desânimo, com a entrada dos computadores em cena. Critica-se o conservadorismo dos professores, mas elogia-se os herdeiros de Skinner, como Mark Zuckerberg e Bill Gates, que passaram a utilizar *softwares* para personalizar a aprendizagem, com uma verdade incontestável: a tecnologia educacional precisa estar a serviço do ensino, e não o contrário.

Tais conceitos valem para 1,5 bilhão de crianças matriculadas na educação básica do mundo inteiro.

Aprendizagem e renovação

Ilustração: Eduardo Amador



ARNALDO NISKIER
da Academia Brasileira de Letras,
doutor honoris causa da Unirio e
presidente do Ciee/RJ



Aos 48 anos José refez sua vida no Brasil ao lado de esposa e filhos

Recomeço no refúgio

*Instituição
Cáritas-RJ ajuda a
integrar refugiados na
sociedade brasileira*

MARCIA MATHIAS

O congolês Charly Kongo e o venezuelano José Joaquim Rodriguez não falam a mesma língua, mas eles têm uma história em comum: ambos buscaram e conseguiram abrigo no Rio de Janeiro depois de fugirem da perseguição e violência em seus países de origem. E foi através da Pares Cáritas-RJ que os dois refugiados recomeçaram suas vidas na Cidade Maravilhosa.

Criado em 1976 pela Arquidiocese do Rio de Janeiro, o Programa de Assistência a Refugiados e Solicitantes de Refúgio (Pares) auxilia imigrantes que fogem de seus lares por causa da perseguição motivada por raça, religião ou nacionalidade. O trabalho foi assumido pela Cáritas, ONG que possui sede em todo o mundo, e, atualmente, apoia 30 famílias de diferentes países que desembarcaram na capital fluminense.

“Na maioria das vezes, as pessoas chegam ao aeroporto e não têm ideia do que fazer para recomeçarem suas vidas no Brasil. Ao procurarem ajuda, a Polícia

Federal, que já conhece nossas atividades, encaminha para a Cáritas e iniciamos um longo trabalho de inserção dessas pessoas na sociedade brasileira”, explica o porta-voz da instituição, Diogo Felix.

Este é o caso de Chaly Kongo, de 36 anos, que chegou em 2008 depois de ver amigos e familiares sendo mortos na guerra civil que ainda está sendo travada na República Democrática do Congo e já tirou a vida de mais de seis milhões de pessoas. Ele contou com a Pares Cáritas para entrar com processo de solicitação de refúgio.

“Eu não fui o único do meu país a fugir para o Brasil. Quando cheguei ao Rio, procurei abrigo em uma comunidade congoleza existente na cidade. Muitas pessoas daquele local me indicaram a Cáritas, dizendo que seria fundamental para o meu recomeço, e de fato foi. Hoje, eu vejo que se não fosse pela ajuda deles eu teria ficado perdido, sem conseguir ao menos falar português”, enfatiza Charly.



O apoio começa desde o momento em que imigrantes chegam ao país, sem nem terem o direito de serem chamadas de refugiados, até o dia em que conseguem seguir a vida e “caminhar com as próprias pernas”, como aconteceu com Charly. Depois de nove anos morando no Rio de Janeiro, o congolês reconstruiu sua vida. Atualmente, trabalha dando aulas de português para estrangeiros e está casado com uma brasileira que conheceu na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Ela estudava para se tornar pedagoga e ele buscava cada vez mais o aprendizado da língua nacional. Juntos, eles têm um filho de 3 anos.

Casos como o do congolês, em que a pessoa tem oportunidade e foge completamente sozinha de sua terra são os mais comuns, mas existem exceções onde a família inteira consegue sair em segurança e buscar refúgio. Por sorte, o venezuelano José Joaquim Rodriguez é um dos que fugiu à regra. Ele trabalhava em seu país de origem em uma grande empresa como engenheiro civil, até que um negócio não saiu como o esperado. A companhia em que José prestava serviço contratou uma firma de origem duvidosa, que passou a ameaçar a família do engenheiro. Ele conta que, durante anos, se sentiu obrigado a pagar uma “espécie de mesada aos bandidos”. Em 2015, com a crise econômica se agravando na Venezuela, a situação ficou insustentável e José decidiu fugir para o Brasil com esposa, Maria Elias, e os dois filhos do casal.



“Para nós, a situação ficou um pouco mais fácil, pois eu já tinha uma prima que morava no Rio e nos abrigamos na casa dela por um tempo. Assim que chegamos, procuramos a Cáritas para nos auxiliar com a parte legal e, principalmente, ajudar a começarmos o nosso próprio negócio”, lembra José.

Maria Elias completa a fala do marido explicando como começou a ideia do projeto:

“Sempre fui muito habilidosa na cozinha e, quando chegamos ao Brasil, vimos que a oferta de comida libanesa era quase inexistente. Eu fui para o fogão e meu marido ficou responsável pela divulgação da nossa nova marca juntamente com a Cáritas, que nos apresentou as pessoas certas e nos ajudou muito a desenvolver esse negócio”, conta a Maria, lembrando-se que em pouco tempo teve contrato firmado com grandes produções e programas da TV Globo.

Para que o atendimento da Pares Cáritas funcione da melhor maneira possível, todo trabalho é dividido em três etapas: acolhimento, proteção legal e integração local. A instituição não possui um alojamento para receber os recém-chegados, mas conta com o apoio de amigos e colaboradores para alocá-los.

“Com o passar do tempo mais pessoas foram conhecendo e adotando essa causa, assim contamos com apoio para que ninguém fique sem abrigo”, explica o porta-voz Diogo Felix, ressaltando outros pontos importantes na etapa



No alto, imigrantes simbolizam fuga de seus países. Abaixo, o angolano Charly Kongo. Ao lado, voluntária cuida de bebê refugiado



Voluntários realizam oficinas de recreação com filhos dos refugiados

“Fico muito feliz em ter escolhido essa nação como minha nova casa”

do acolhimento, como a alimentação, doação de roupas e o cadastro realizado no instante em que chegam à sede da ONG, necessário para iniciar o processo de proteção legal.

Enquanto aguarda a resposta do pedido às autoridades, a instituição matricula as crianças na escola e começa a ensinar português aos pais - primeiro passo para garantir um emprego e alcançar a tão sonhada estabilidade. Aulas do idioma são oferecidas gratuitamente por voluntários que dominam também outras línguas comuns aos imigrantes, como inglês e francês. A maioria dos colaboradores é refugiada que já foram atendidos pela Cáritas, como Charly Kongo.

Apesar de o congolês nunca mais ter visto a família que deixou para trás quando saiu da África, ele encontra em sua nova vida forças para incentivar os que passam pelas mesmas dificuldades que ele viveu um dia.

“Apesar de passarmos por situações difíceis não podemos perder a esperança nem por um momento. É fundamental mantermos nossa cabeça erguida, pois

um dia as coisas vão melhorar para todos nós”, garante Charly, com o seu carregado sotaque congolês.

SERVIÇO

Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro
Rua São Francisco Xavier, 483 -
Maracanã, Rio de Janeiro - RJ,
Telefone: +55 (21) 2567-4105
E-mail: relacionamento@caritas-rj.org.br



Estrutura da Casa França-Brasil foi projetada pelo francês Grandjean de Montigny, em 1819

Mudança pe

Com muitas funções acumuladas desde sua criação, a Casa França-Brasil trilha um novo caminho rumo ao multiculturalismo

TALITA JEOLÁS

Da varanda, o que se vê é a Igreja da Candelária. As portas de entrada fazem a conexão com o Centro Cultural Banco do Brasil. Nos fundos, a Baía de Guanabara. As paredes contam uma história que teve início em 1819, quando D. João VI encomendou um projeto ao arquiteto da Missão Artística Francesa Grandjean de Montigny. Inaugurado em 13 de maio de 1820 como primeira Praça do Comércio do Rio de Janeiro, o edifício foi o primeiro registro neoclássico da cidade. Hoje, redenominado Casa França-Brasil, o espaço respira cada dia mais a diversidade artística, buscando estabelecer-se como um grande Centro de Produção Cultural.

Foi em 1984 que a estrutura da Casa França-Brasil começou a tomar seu rumo dedicado à cultura. Quando o antropólogo Darcy Ribeiro assumiu o cargo de Secretário de Estado e Cultura do Rio de Janeiro, decidiu restaurar a construção de Montigny e resgatar suas linhas arquitetônicas originais. “Darcy uniu a Embaixada Francesa com os recursos que adquiriu após o cargo e traçou

o objetivo de transformar a casa no aparelho cultural que existe atualmente”, conta Jesus Chediak, diretor da Casa França-Brasil.

A inauguração da nova estrutura da Casa França-Brasil deu-se em 29 de março de 1990. “A partir daí, a programação desenvolvida no local foi bastante eclética, com exposições de temas variados e artistas consagrados. Nos últimos anos, o prédio recebeu diversos trabalhos ligados às artes plásticas, e em determinado momento fui chamado para assumir a diretoria com a missão de fomentar um espaço multiarte”, relata Chediak, que recebeu o convite diretamente do então secretário estadual de Cultura, André Lazoni, em maio de 2017.

Desde que assumiu o cargo, Jesus Chediak tem buscado revitalizar a Casa França-Brasil e inserir novas vertentes culturais no dia a dia do espaço. A varanda da casa, conexão aberta entre a Igreja da Candelária e a Baía de Guanabara, ganhou projetos de incentivo à música, dança, literatura e poesia. “São eventos singulares

que acontecem toda semana, totalmente gratuitos, e convidam o público a entrar em contato com artistas, jornalistas, professores e escritores contemporâneos”, explica Jesus.

Além do que acontece na varanda, uma sala na parte interna da casa foi revitalizada e transformada na Sala Rio 40°, que foca e homenageia a sétima arte. “Inauguramos em outubro do ano passado e o nome foi dado para lembrar o filme Rio, 40 Graus, do Nelson Pereira dos Santos, um dos maiores cineastas brasileiros. O espaço é destinado às escolas de cinema e possui um conselho de curadores da Escola de Cinema Darcy Ribeiro, da Universidade Federal Fluminense (UFF), da PUC, enfim, é um local que ajuda as pessoas a interagirem com seus processos de formação em na área cinematográfica”, conta Chediak, que é também jornalista, diretor de cinema e de teatro.

Mantendo viva a tradição da Casa França-Brasil desde sua última renovação, as exposições de arte ainda fazem parte e são o grande atrativo do Centro Cultural. Atualmente, a exposição presente no espaço é Pintura do tipo Brasileira, dos artistas Raimundo Rodriguez, Osvaldo Carvalho, Manfredo de Souza Netto, Antonio Bokel, Victor Arruda, Edmilson Nunes, Rosana Ricalde, Marcos Cardoso e Felipe Barbosa. “É um recorte da pintura brasileira, não só a pintura tradicional, mas utilizamos também materiais diferenciados. Eu, por



Jesus Chediak está no comando da Casa França-Brasil desde maio de 2017

“Aqui, na Casa França-Brasil, você estuda arte com a arte em volta de você”

exemplo, trabalho com latas de tinta. Já é a segunda vez que trazemos essa exposição à Casa França-Brasil e é sempre um prazer divulgar essa bela exposição no espaço”, relata Raimundo Rodriguez.

A Sala de Leitura da Casa França-Brasil também é motivo de atrativo para o público, principalmente estudantes. “Gosto de estar aqui porque a gente respira a arte quando entra. Eu sempre venho dar uma olhada nos livros, estudar na sala, a experiência é interessante porque você estuda arte com arte em volta de você”, conta a universitária Mayara Ribeiro. A sala oferece ao público um acervo de catálogos doados por centros culturais, museus, galerias e artistas.

A Casa França-Brasil já contou muitas histórias ao longo de sua própria. Foi Praça do Comércio até 1824, Alfândega até 1944, depósito de arquivos do Banco Ítalo-Germânico até 1956 e ainda foi sede no II Tribunal do Júri até 1978. Todas essas transformações possibilitaram que, hoje, o edifício seja um polo de difusão cultural, mas isso não significa que as mudanças deixarão de existir. “A arte move as estruturas da Casa França-Brasil e a arte nunca se estagna. Vamos fazer o espaço ser sempre mais completo, com mais eventos, mais exposições, festivais e, tenho certeza que com a bagagem que temos, o céu é o limite para onde ainda podemos chegar”, encerra Jesus Chediak.

la Cultura

Foto: Divulgação



Exposições diversificadas e espaços renovados são atrativos da Casa França-Brasil

SERVIÇO

Endereço: Rua Visconde de Itaboraí, 78 – Centro, Rio de Janeiro – RJ, Telefones: 21 2332-5275 / 21 2232-5276

E-mail: info@casafrancabrasil.rj.gov.br
Funcionamento: terça-feira a domingo, de 10h às 20h



Quando o teatro pega a estrada

Projeto '1001 Espetáculos' percorre o Estado do Rio levando peças e oficinas gratuitas a crianças

CAMILLA ALCÂNTARA

Teatro sobre rodas leva 200 oficinas e 90 esp

Imagine um colorido ônibus de viagem. Dentro dele, ao invés de poltronas numeradas, há uma estrutura de camarim, vários figurinos, equipamentos de som e de luz, um mobiliário para plateia... Esse ônibus chamativo existe e é ele que leva o projeto “1001 Espetáculos” a seis cidades do Estado do Rio de Janeiro, oferecendo 200 oficinas e 90 espetáculos teatrais para as crianças fluminenses até maio de 2018.

A iniciativa, uma parceria entre a empresa Spiral Criativa e o Instituto Jelson da Costa Antunes (IJCA), foi inspirada no projeto “1001 Histórias”, que levava acervo literário a cidades com pouco acesso à literatura. Agora, a proposta é viajar até locais sem equipamentos teatrais. Em parceria com as prefeituras, são mapeadas escolas públicas que receberão espetáculos de teatro e oficinas. A partir de janeiro de 2018, Rio de Janeiro, Niterói, Macaé, Campos dos Goytacazes e Itaperuna serão contempladas, nesta ordem, até o mês de maio.

Oito modelos de oficina são oferecidos a alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental, com jogos de dramatização e expressão corporal, sombras e fantoche. Também há foco no resgate ao patrimônio cultural local,

presente nas oficinas de boi pintadinho, jongo e maculelê. Um dos objetivos é trabalhar com as crianças diferentes linguagens do teatro.

Segundo Carolina Butolo, diretora do projeto e sócia-fundadora da Spiral Criativa, tais jogos teatrais são cheios de figurinos e adereços e apresentam para as crianças algumas histórias, contos e movimentos de danças populares, como coco, maculelê, samba de roda e cacuriá. “Participando das oficinas de construção de personagens, os alunos têm contato com as fases de produção de espetáculo durante toda a semana. Às sextas-feiras, apresentam um esquete para a família e todo o colégio”, explica.

Passando pela cidade de Niterói, em 2017, o projeto encantou Georgine Botelho, diretora adjunta da Escola Municipal Marcos Waldemar de Freitas. “Recebê-los em nosso colégio foi ótimo! Seria perfeito se pudéssemos repetir a dose sempre, pois foi enriquecedor”, exclamou. A professora Nívea Amaral acompanhou de perto as atividades e elogiou a organização. “Foi interessante perceber como as oficinas eram adaptadas de acordo com a idade das crianças, ainda que todas fossem ligadas à literatura. Em determinado momento, os alunos foram



etáculos para famílias de seis cidades fluminenses

incentivados e pensar em seus sonhos, e eles ficaram tão animados que comentaram depois em sala de aula”, conta, orgulhosa.

ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO

Todos os espetáculos teatrais contam com intérpretes de libras e audiodescrição para cegos. Segundo Carolina, os idealizadores do projeto tiveram bastante preocupação em atender a todas as regras de políticas públicas. “Dentre elas, sempre a gratuidade, a acessibilidade, a democratização dos espaços e o fortalecimento da cultura local se destacam”, enumera.

Todas as companhias teatrais contratadas para as apresentações são locais. “Além de mapear os locais com pouco acesso ao teatro, realizando em praças, parques e até a Vila Olímpica da Maré, as prefeituras também nos auxiliam a localizar as companhias de teatro que possam se juntar a nós”, diz.

Show de dança, musicais, mágica, palhaços, são sempre divulgados nas redes sociais do “1001 Espetáculos”, sendo um convite para toda a família. Fique ligado! Quem sabe este ônibus mágico não passa pertinho de você?

SERVIÇO

Projeto 1001 Espetáculos

Site: <http://www.1001espetaculos.com.br>

Facebook: <https://pt-br.facebook.com/1001espetaculos/>

Instagram: @1001espetaculos

Fotos: Divulgação



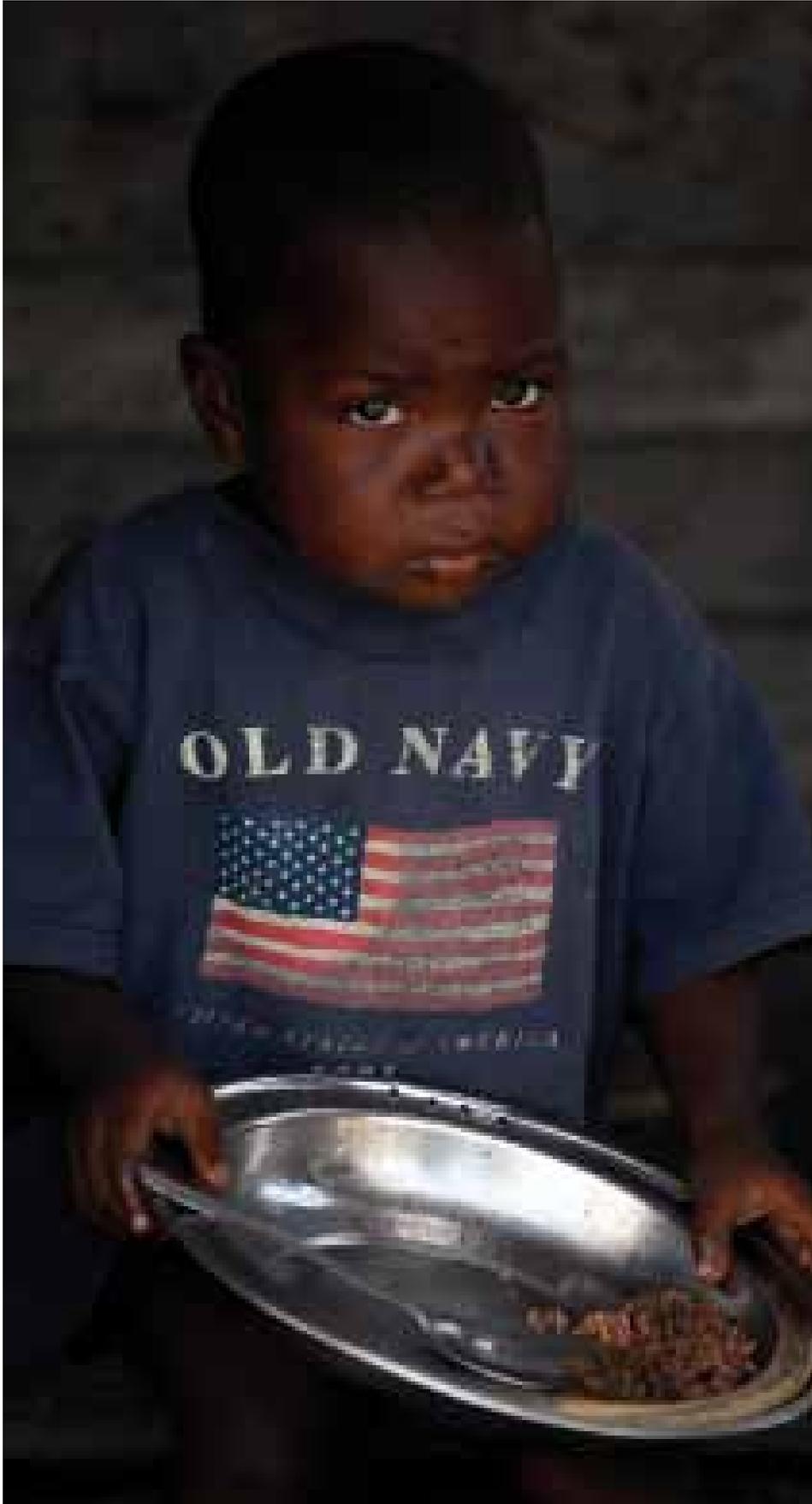
PROJETO EM NÚMEROS

- 1 ônibus
- 10 meses (agosto 2017/maio 2018)
- 200 oficinas
- 90 espetáculos teatrais
- 6 cidades do Rio
- + de 20 mil crianças
- 40 escolas públicas
- 33 mil espectadores em periferias
- 10 empresas trabalhando juntas
- 26 profissionais
- + de 50 companhias teatrais
- + de 70% do orçamento reinvestido nos mercados culturais locais

Crianças são convidadas a entrar no camarim do ônibus para conhecer os cenários e figurinos

A PROFISSÃO QUE ETERNIZA MOMENTOS

Foto: Luis Alvarenga



Para celebrar a vinda da fotografia ao Brasil, o dia 8 de janeiro tornou-se oficialmente o Dia Nacional da Fotografia e do Fotógrafo

TALITA JEOLÁS

Por definição, fotografia é uma técnica que utiliza a exposição luminosa para criar imagens. Mais do que isso, ela eterniza momentos. Fotografar tornou-se parte do dia a dia de grande parte da sociedade, que detém da facilidade de *smartphones* e câmeras para registrar tudo a qualquer momento. Mas, amadorismo à parte, há uma gama de pessoas que fazem da técnica seu estilo de vida, paixão e trabalho. E é para celebrar o dia 8 de janeiro, data escolhida para homenagear esses profissionais, que O Prelo convidou quatro fotógrafos para mostrar alguns de seus trabalhos.

A profissão abrange uma quantidade extensa de possibilidades. Há quem trabalhe registrando eventos, festivais, espetáculos, campanhas publicitárias ou jogos de futebol. Também há o fotojornalista, que está sempre atrás da notícia, buscando imagens que definam momentos históricos na política, economia, que ilustram a violência, tragédias e grandes inovações científicas. Além de



Trabalho realizado no Haiti, em 2008, para o jornal Extra

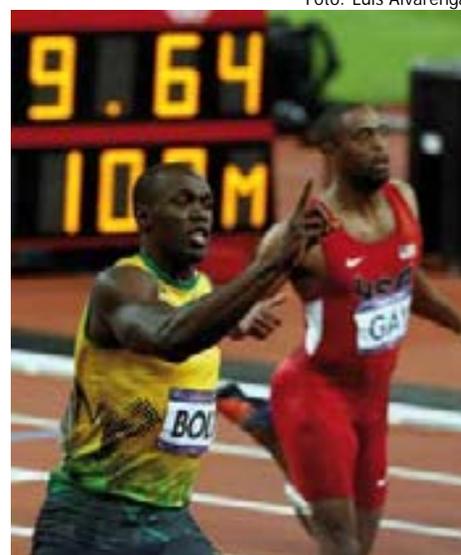
Dia do Fotógrafo

Foto: Gilvan



Jogo de basquete em campeonato oficial disputado pelo Flamengo

Foto: Luis Alvarenga



Bicampeonato de Usain Bolt em 2012

todos esses, há o profissional que se dedica a mostrar a beleza do mundo através de suas lentes, realiza exposições artísticas, monta ensaios e produz a fotografia que encanta pela estética ou reflexão.

“Eu não fazia ideia de que me tornaria um fotógrafo profissional”, conta o fotojornalista Fabiano Rocha, que entrou nesse mundo por acaso e trabalha desde 2008 no Jornal Extra. Já para Gilvan de Souza, fotógrafo oficial do Clube de Regatas do Flamengo, a vocação sempre foi clara. “Minha mãe ganhou uma câmera fotográfica quando eu tinha 13 anos, e brincar com ela começou a despertar em mim o interesse de trabalhar fotografando”, relata Gilvan.

Se para alguns a figura materna serviu de incentivo, para outros foi uma história bem diferente. “Depois que me vi desiludido dentro da Publicidade, decidi abrir minha produtora e a fotografia era uma demanda muito

Foto: João Oberlaender



Público em festa no Rio Beach Club pelo Carnaval de 2016

Foto: Gilvan



Jogo pela semifinal do Campeonato Sub-20 entre as equipes do Flamengo e do Cruzeiro

Dia do Fotógrafo

Fotos: João Oberlaender

frequente na qual decidi investir”, conta João Oberlaender. Já Luís Alvarenga, diretor da Escola de Fotografia Movimento In Foco, cursava Educação Física antes de iniciar a carreira de fotógrafo. “Precisava pagar minha faculdade e tive a oportunidade de fotografar pelo Jornal O Fluminense, tudo aconteceu de forma natural e gradativa”, lembra.

Apesar de terem sido levados à profissão por motivos diferentes, Fabiano, Gilvan, João e Luís dividem opiniões semelhantes sobre o que significa efetivamente ser um fotógrafo. “Você ganha a capacidade de registrar um momento de forma inédita ou transformar o banal em histórico, além de mostrar para o mundo tudo que ele vê, mas não enxerga”, reflete Oberlaender. Para Fabiano, que trabalha com o registro de acontecimentos jornalísticos, fazer história com a fotografia é cotidiano. “Ter a possibilidade de transmitir informação e sentimento em uma imagem é o que faz esse trabalho ser tão gratificante”, afirma.

“Ser fotógrafo é um estado de espírito”, diz Alvarenga. Além da questão emocional, Gilvan aponta também a responsabilidade que pesa sobre o olhar do profissional que precisa transmitir, registrar e eternizar momentos. Para encerrar, Gilvan lembra uma citação do escritor e fotógrafo Jefferson Luiz Maleski. “O escritor e o fotógrafo utilizam as mesmas ferramentas, mas enquanto um descreve uma imagem com mil palavras, o outro descreve mil palavras com uma imagem”, resume Gilvan.



Captura de momento espontâneo e com iluminação especial em show do grupo Pixote

Fotos: Fabiano Rocha



Fabiano foi o primeiro a chegar depois de o helicóptero ter sido abatido no Morros dos Macacos



Flagra de cena no Complexo do Alemão